



## Interacionismo Sociodiscursivo, Linguística Integral e Tradições Discursivas: convergências e divergências<sup>1</sup>

### Socio-Discursive Interactionism, Integral Linguistics and Discursive Traditions: convergences and divergences

Antónia Coutinho<sup>i</sup>

(CLUNL, NOVA FCSH, Universidade NOVA de Lisboa)

**Resumo:** Esta contribuição pretende evidenciar convergências e divergências entre a corrente conhecida como Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1997, 2008) e a Linguística integral preconizada por Coseriu (1984, 2007), analisando igualmente a filiação coseriana e o enquadramento teórico da noção de Tradições discursivas (KABATEK, 2007, 2018). O percurso realizado começa por focar o entendimento de textos, discursos e línguas, no âmbito das perspetivas consideradas, para discutir depois, de forma mais específica, o caráter hiperonímico e teoricamente livre que é atribuído à noção de tradições discursivas. A concluir, destaca-se a condição social e dialógica da historicidade humana e, na base dessa convergência epistemológica entre o ISD e o pensamento de Coseriu, reitera-se o interesse de dar continuidade à tarefa de uma linguística do texto, tal como perspetivada por Coseriu, no sentido de compreender e justificar a autonomia do nível textual.

**Palavras-chave:** Interacionismo Sociodiscursivo; texto; discurso; tradições discursivas; história social.

**Résumé:** Cette contribution se propose de mettre en évidence des convergences et des divergences entre le courant connu comme Interactionnisme Socio-discursif (BRONCKART, 1997, 2008) et la Linguistique intégrale prônée par Coseriu (1984, 2007), en analysant également la filiation cosérienne et l'encadrement théorique de la notion de Traditions discursives (KABATEK, 2007, 2018). Le travail commence par se concentrer sur la façon dont les perspectives prises en compte conçoivent

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, como parte do projeto do Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa – UID/LIN/03213/2020.

les textes, les discours et les langues, et discute ensuite le caractère hyperonimique et théoriquement libre qui est attribué à la notion de traditions discursives. En conclusion, c'est la condition sociale et dialogique de l'historicité humaine qui sera soulignée; et, sur cette base de convergence épistémologique entre l'Interactionnisme Socio-Discursif et la pensée de Coseriu, sera aussi réitéré l'intérêt de poursuivre la tâche de la linguistique du texte, telle qu'elle a été envisagée par Coseriu, dans le sens de comprendre et de justifier l'autonomie du niveau textuel.

**Mots-clés:** Interactionisme Sociodiscursif; texte; discours; traditions discursives; histoire sociale.

## 1. Introdução

Filiando-se, em termos filosóficos e políticos, na corrente de pensamento hoje conhecida como *interacionismo social*, o Interacionismo Sociodiscursivo (doravante ISD) assenta na filosofia monista herdada de Spinoza, na concepção marxista do social, do trabalho e da história e na compreensão vigotskiana da linguagem como determinante no desenvolvimento humano, em termos filogenéticos e ontogenéticos. Para este ponto de vista é decisiva a tese central de Vygotsky ([1934]2007, p.145): é a apropriação da linguagem que viabiliza o salto qualitativo, do desenvolvimento biológico para o socio-histórico, que caracteriza a espécie humana. O ISD, que se deve a Jean-Paul Bronckart (1997, 2008) e em que trabalham hoje equipas de investigação em diferentes países (nomeadamente Suíça, Espanha, Brasil, Argentina e Portugal) propõe-se levar por diante a compreensão da centralidade da linguagem na especificidade do ser humano e nas diferentes etapas do seu desenvolvimento. Por isso, no programa de trabalho do ISD – que não é uma teoria linguística – adquirem particular relevo contributos de linguistas que partilham (ou partilharam) os pressupostos gerais do interacionismo social (ainda que tal nem sempre tenha sido reconhecido): além do papel fundador de Voloshinov ([1926]1981; [1929]2010), destacam-se hoje, nesse âmbito, Saussure<sup>2</sup> e Coseriu (1987a, 1987b, 2007).

De forma abreviada e, como tal, necessariamente simplificada, sublinho um dos aspetos mais marcantes, na convergência de pensamento entre Voloshinov e Coseriu: a importância decisiva da dimensão semiótica na especificidade da espécie humana. Com efeito, Volochinov ([1929]2010) mostra que a consciência individual e, como tal, o próprio

---

<sup>2</sup> Não cabe no espaço deste trabalho desenvolver a concepção atual(izada) do contributo de Saussure; a este propósito, veja-se BRONCKART, BULEA; BOTA, 2010.

psiquismo são de natureza semiótica. Esta dimensão é assim, em última análise, condição *sine qua non* de interação (social), porque condição *sine qua non* da identidade da pessoa consciente. É inequívoca a proximidade entre o pensamento dos dois autores, deste ponto de vista:

C'est que la personne parlante, avec son vécu, ses visées subjectives, ses intentions, ses desseins stylistiques conscients, n'a aucune existence en dehors de son objectivation matérielle dans la langue. En effet, en dehors de sa manifestation linguistique, ne serait-ce que dans la parole intérieure, la personne n'est une donnée ni pour qu'elle-même ni pour les autres. C'est la langue qui éclaire la personne intérieure et la conscience, c'est elle qui les crée, les différencie, les approfondit, et non le contraire" (VOLOCHINOV, [1929]2010, p. 449-451<sup>3</sup>).

A linguagem pode ser definida como o primeiro surgir – como nascimento – do humano e como abertura das possibilidades próprias do homem. Com efeito, a linguagem é a primeira apresentação da consciência humana como tal (pois que não existe consciência vazia e pois que só mediante a sua objetivação a consciência se deslinda a si mesma, ao reconhecer-se como coisa diferente do « mundo ») e, no mesmo ato, a primeira apreensão do mundo por parte do homem." (COSERIU, 1987b, p. 48).

E o projeto coseriano de uma "linguística integral", ou "linguística idealmente « completa »" (COSERIU, [1980]2007, p. 255), pode certamente aproximar-se do propósito interacionista social de uma ciência do humano, capaz de transcender o espantilhamento disciplinar positivista e contribuir para uma compreensão holística do funcionamento humano. Coseriu, que não hesita em afirmar que a "verdadeira e própria linguística do texto" deve ir além do que é linguístico (2007, p. 304), é sem dúvida um marco de referência nessa perspectiva.

Para além desta convergência de fundo, haverá outros pontos de encontro – assim como zonas de algum distanciamento – entre o ISD e a linguística integral de Coseriu. As duas secções seguintes analisam essa questão, focando em particular a forma como se encaram, em cada um dos casos, os textos, os discursos e as línguas. A quarta secção, que propõe uma síntese, introduz a noção de tradições discursivas – cuja origem se associa a Coseriu, embora o autor não tenha usado o termo. É esta a noção de que se ocupam, por isso, as duas secções

---

<sup>3</sup> "É que a pessoa que fala, com o seu vivido, as suas intenções subjetivas, os seus propósitos estilísticos conscientes, não tem nenhuma existência fora da objetivação material na língua. Com efeito, fora da sua manifestação linguística, quanto mais não seja na palavra interior, a pessoa não é um dado nem para ela própria nem para os outros. [...] É a língua que ilumina a pessoa interior e a consciência, é ela que as cria, as diferencia, as aprofunda, e não o contrário." (traduzido de VOLOCHINOV, [1929]2010, p. 449-451).

seguintes: a quinta, equacionando questões de historicidade e de tradição, prepara a sexta, que recupera e problematiza, de forma específica, a noção de tradições discursivas. A concluir, a última secção destaca a dimensão social como determinante, no confronto entre as perspetivas consideradas.

## 2. Textos, discursos e línguas – a perspetiva do ISD

Na sequência de autores atrás referidos, o ISD partilha uma conceção social da linguagem (epistemologicamente distinta, portanto, da conceção biologizante assumida no quadro generativista). De entre os vários aspetos que poderiam ser desenvolvidos, a este propósito, limito-me a salientar a importância das atividades sociais, enquanto lugares primeiros de apropriação e de uso da língua – isto é, lugares de comunicação ou, se preferirmos, de produção e de circulação de textos (orais e escritos). É desse ponto de vista que se pode compreender a abordagem descendente para o estudo da língua preconizada por Volochinov ([1929]2010, p. 321) e adotada no programa de trabalho do ISD; e é nesse âmbito que se enquadram as diferentes dimensões da linguagem, ou unidades de análise, que o ISD toma em consideração: atividade de linguagem, textos e géneros de texto, estados de língua (interna e externa) e tipos discursivos<sup>4</sup>. Limitar-me-ei a comentar alguns aspetos, relevantes para o objetivo do presente trabalho, dedicando no final uma atenção particular aos tipos discursivos e à relação que estabelecem com os textos e os géneros de texto. Assim:

- a atividade de linguagem é indissociável das atividades sociais/coletivas que a enquadram e que regula e comenta;

- é no contexto das atividades sociais que se desenvolvem, circulam e evoluem os géneros de texto (aqueles de que a atividade em causa necessita, numa determinada época); por isso, os textos são vistos, na perspetiva do ISD, como unidades comunicativas globais (e não objetos estritamente linguísticos);

- a distinção entre língua interna e externa (que Bronckart formula a partir da releitura de Saussure) dá conta da diferença entre a língua interiorizada por cada pessoa, a partir do contacto com textos (e que é da ordem do psíquico individual), e a língua normalizada,

---

<sup>4</sup> Apesar da vasta bibliografia sobre estas questões, no quadro do ISD, reporto-me aqui, em particular, a uma síntese relativamente recente (BRONCKART, 2019, p. 283).

estabilizada em termos de saber coletivo (e de entidades institucionais).

Uma explicação, mesmo simplificada, dos tipos discursivos, tal como entendidos no âmbito do ISD, exige algum desdobramento:

- correspondem a modos de locução que envolvem operações de ordem psicológica, relativas às coordenadas espaço-temporais e às instâncias atoriais;

- destas operações resultam diferentes mundos discursivos que se configuram como tipos linguísticos, identificáveis pelos recursos linguísticos mobilizados e que manifestam uma considerável estabilidade, em cada língua (razão pela qual podem ser entendidos como tipos);

- os tipos discursivos identificados (discurso interativo, ou expor implicado; discurso teórico, ou expor autónomo; relato interativo, ou narrar implicado; narração, ou narrar autónomo) configuram-se através de pacotes de unidades linguísticas, tendo em conta as especificidades da língua em uso (uma determinada unidade linguística não atesta, por si só, qualquer um dos tipos discursivos, que se deixam identificar por um conjunto de unidades em presença e em ausência, isto é, por um pacote de unidades que funciona de forma distintiva).

Em síntese, podem-se salientar dois aspetos, relativamente à centralidade dos tipos discursivos, no quadro do ISD: articulam a dimensão psicológica e de linguagem (fundamental na conceção interacionista social de linguagem, como atrás se viu); entram necessariamente na composição dos textos (ao contrário das sequências textuais prototípicas<sup>5</sup>), sendo, portanto, infraordenados em relação aos textos e supraordenados relativamente à língua (ou aos recursos linguísticos que mobilizam).

### 3. Textos, discursos e línguas – a perspetiva de Coseriu

Um dos aspetos mais determinantes do pensamento de Coseriu tem a ver com a forma como, recuperando e enfatizando a herança aristotélica e humboldtiana, assume que a linguagem é fundamentalmente *ενέργεια* (atividade criadora) – embora possa ser também encarada como *έργον* (produto) e como *δυναμικ* (potencialidade, ou saber). Além disso, cada um dos pontos de vista considerados desenvolve-se ao nível universal, histórico e individual, como mostra a figura 1:

---

<sup>5</sup> Na perspetiva de Adam, 2011.

<div> <div>pontos de vista</div> <div>níveis</div> </div>	ἐνέργεια atividade	δύναμις saber	ἔργον produto
nível universal	falar em geral	saber elocucional	totalidade do "falado"
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	"texto"

Figura 1 | Reproduzida de COSERIU, 1980, p. 93

A complexidade de inter-relações e de possíveis ângulos de entrada para a compreensão do fenómeno da linguagem que revela a figura, apesar da inevitável simplificação esquemática, evidencia a forma como Coseriu entendeu e defendeu um "modelo complexo do funcionamento da linguagem" (expressão que tomo emprestada de BOTA, 2007). Não havendo neste contexto espaço para comentar detalhadamente toda a proposta, limito-me a sublinhar como particularmente relevantes:

- o desdobramento da atividade de linguagem nos níveis universal, histórico e individual, respetivamente "falar em geral", ou atividade humana considerada independentemente das determinações históricas); língua(s), como "modos históricos de falar" ou "técnicas da atividade linguística", historicamente determinadas; e discurso, entendido como "o ato lingüístico (ou a série de atos lingüísticos conexos)" (COSERIU, 1980, p. 93);

- a distinção entre "língua concreta", entendida do ponto de vista da atividade e que corresponde, como já referido, a uma técnica historicamente determinada, e o produto que é a "língua abstrata", isto é, "a língua extraída do falar e objetivada numa gramática ou num dicionário. (COSERIU, 1980, p. 93).

Já a oposição entre discurso (como atividade) e texto (como produto) merece alguma reflexão crítica. Ainda que, num primeiro momento, ressalte o facto de esta oposição privar a noção de *texto* de uma dimensão processual (parecendo restringi-la, assim, aos textos que perduram ou, por outras palavras, aos grandes textos literários, filosóficos e religiosos), interessa aqui, em primeiro lugar, averiguar o alcance desta oposição no pensamento de Coseriu. Tal como mostra a figura atrás reproduzida, discurso e texto situam-se no nível individual – que não diz respeito às pessoas envolvidas, mas ao objeto individual que é um discurso ou um texto, como salienta Bota (2018, p. 151, nota 2). Coseriu (1980, p. 93) esclarece

que o texto, como produto, pode ser falado ou escrito. E pontualmente assinala o confronto com outras perspetivas, nomeadamente a de língua alemã:

Para designar esta actividad individual en una situación determinada propongo - por el francés discours *discours* - el término «discurso». **En alemán, a este plano se le llama también «texto»**; pero en ese caso hay que tener en cuenta que aquí se trata primordialmente de la actividad misma y no de su producto. (COSERIU, [1988]1992, p. 87, destaque meu<sup>6</sup>).

Mas outras passagens (e o confronto entre passagens) evidenciam alguma oscilação (ou o reconhecimento de alguma oscilação) conceptual / terminológica:

Estas considerações nos levam a outros problemas — também muito importantes, do ponto de vista prático —, que dizem respeito ao nível técnico individual e que, por isso, deveriam ser objeto da **“lingüística do discurso” ou “do texto”** (COSERIU, 1980, p. 96, destaque meu)  
(...) uma língua sintópica, sinstrática e sinfásica, pode ser chamada língua funcional. O adjetivo “funcional” encontra, neste caso, sua justificação no fato de que somente esta língua entra efetivamente nos **discursos (ou “textos”)**. (COSERIU, 1980, p. 113, destaques meus)

Talvez mais significativa ainda seja a tendência para o apagamento de um dos termos da oposição, como acontece algumas páginas à frente daquela em que figura o esquema atrás reproduzido: “De resto, a distinção entre os três níveis da linguagem acima delimitados — **o do falar em geral, o da língua e o do texto** — deve ser feita também para as disciplinas lingüísticas parciais (...)”. (COSERIU, 1980, p. 98, destaque meu). Até certo ponto, compreendem-se os níveis afinal evidenciados pelo autor: o do falar em geral, que decorre da conceção determinante da linguagem como atividade; e o da língua, correspondente a um nível consensual, que a distinção entre língua concreta e língua abstrata permite clarificar e esclarecer. Mas, no que diz respeito ao nível individual, surpreende — pelo menos à primeira vista — que seja destacado o produto (isto é, o texto), em detrimento do discurso, visto como atividade. De facto, essa opção pode afinal parecer natural, face ao inequívoco destaque que assume o texto, no âmbito do trabalho de Coseriu sobre lingüística do texto; nesse sentido, a passagem a seguir citada é apenas um exemplo da forma como aquela opção se vê amplamente reiterada:

(...), cabe distinguir diversas técnicas del hablar: la técnica del *hablar en*

---

<sup>6</sup> “Para designar esta atividade individual numa determinada situação proponho — para o francês discurso discours — o termo «discurso». Em alemão, chama-se também a este plano **«texto»**; mas nesse caso há que ter em conta que se trata aqui primordialmente da atividade mesma e não do seu produto.” (traduzido de COSERIU [1988]1992, p. 87, destaque meu)

*general, la técnica de la lengua histórica y, finalmente, la técnica de los textos, esto es, el saber sobre cómo se configuran determinados textos o clases de texto.* (COSERIU, 2007, p. 140, destaque meu<sup>7</sup>)

É nesse contexto – o da linguística do texto, ou melhor, da diferenciação entre diferentes linguísticas do texto – que se encontra também a explicitação da forma como convém entender o nível individual (por oposição aos níveis universal e histórico) de que participa o texto. Com efeito, por oposição a uma linguística do texto equivalente a gramática de texto ou gramática transoracional (em que o texto corresponde ao nível último de estruturação da língua), a verdadeira linguística do texto é, para Coseriu, aquela que situa o texto num nível autónomo e o encara na sua singularidade:

Los lingüistas en sentido estricto, cuando se refieren a la necesidad de crear una nueva forma de lingüística, esto es, una lingüística del texto, suelen pensar en algo bastante distinto de lo anterior: lo que les interesa no es **el texto en su individualidad (= el texto como acontecimiento singular)**, sino, más bien, ciertos hechos estrechamente relacionados con una lengua histórica determinada que la gramática tradicional, en la medida en que consideraba la oración como unidad suprema del análisis gramatical, o no explicó o no explicó adecuadamente. (COSERIU, 2007, p. 95, destaque meu<sup>8</sup>).

#### 4. Síntese

Do exposto nas secções anteriores, ressalta a compatibilidade epistemológica entre o ISD e Coseriu – autor que, de resto, e como referido no início, constitui uma referência no âmbito de trabalho do ISD. Apesar disso, o estatuto do(s) discurso(s) não coincide inteiramente, nas duas perspetivas. Para o ISD, os discursos, ou tipos discursivos, resultam de operações de ordem psicológica e linguística; a considerável estabilidade de que gozam, em cada língua, justifica que se fale de tipos e explica a sua operacionalidade, como ingredientes que entram obrigatoriamente na composição dos textos (ainda que não de

<sup>7</sup> “(...), cabe distinguir diversas técnicas do falar: a técnica do *falar em geral*, a técnica da *língua histórica* e, finalmente, a **técnica dos textos, isto é, o saber sobre como se configuram determinados textos ou classes de texto.**” (traduzido de COSERIU, 2007, p. 140, destaque meu).

<sup>8</sup> “Os linguistas em sentido estrito, quando se referem à necessidade de criar uma nova forma de linguística, isto é, uma linguística do texto, tendem a pensar em algo bastante diferente do anterior: o que lhes interessa não é **o texto na sua individualidade (= o texto como acontecimento singular)**, mas, pelo contrário, certos factos estreitamente relacionados com uma língua histórica determinada que a gramática tradicional, na medida em que considerava a oração como unidade suprema da análise gramatical, ou não explicou ou não explicou adequadamente.” (traduzido de COSERIU, 2007, p. 95, destaque meu).



forma pré-determinada, nem mesmo necessariamente condicionada pelo gênero de texto). Isto significa que, no quadro do ISD, discurso e texto não se sobrepõem nem se anulam; sendo ambos objeto de descrição e de análise, relacionam-se e complementam-se, na compreensão da complexidade do funcionamento da linguagem. Em Coseriu, pelo contrário, discurso e texto situam-se no mesmo plano (individual) da linguagem, sendo o primeiro da ordem da atividade e o segundo entendido como produto. Mas é afinal o texto que o autor destaca, como objeto da linguística do texto – não dedicando propriamente uma atenção especial à noção de discurso. Com efeito, o que deste ponto de vista se pode reter é a noção de “discurso repetido”, que o autor distingue da “técnica livre do discurso”:

No estado de língua “sincrónico” é preciso distinguir duas espécies de tradição: a *técnica livre* do discurso e o *discurso repetido*. A técnica livre compreende os elementos da língua e as regras “atuais” pertinentes à sua modificação e combinação, ou seja, as “palavras” e os instrumentos e procedimentos lexicais e gramaticais. O discurso repetido, por seu turno, compreende tudo o que, no falar de uma comunidade, se repete tal e qual, como discurso já produzido ou combinação mais ou menos fixa, como fragmento, longo ou curto, do “já falado”. Assim, *il buon milanese* é um fato de técnica livre, enquanto *il buon samaritano* (combinação já existente como tal) é um fato de discurso repetido. (COSERIU, 1980, p. 107, itálico no original)

Uma primeira observação tem a ver com o facto de serem referidas duas tradições – o que nos levará a rever este ponto de vista em articulação com a noção de tradições discursivas. Voltaremos a esta questão, mais à frente. Do ponto de vista da relação entre texto e discurso, de que para já nos ocupamos, pode-se sublinhar o facto de a “técnica livre” do discurso aparecer como domínio das unidades da língua e das “regras” de combinação entre elas (“as «palavras» e os instrumentos e procedimentos lexicais e gramaticais”). Ousaria dizer que se poderia também aqui aplicar uma conclusão que Bronckart (2017, p. 17) retira da leitura cruzada do *corpus* saussuriano (em particular, neste caso, dos ensinamentos dos três cursos de Linguística Geral), levando-o a reiterar que os encadeamentos discursivos não são da ordem da *parole*, mas sim da língua. Admitamos que seja este também o entendimento de Coseriu – como de resto parece confirmar, em última análise, o facto de ser o discurso a ocupar o lugar da atividade de linguagem, no plano individual. A ser assim, poder-se-á pensar que se esbate a não coincidência relativamente ao entendimento de discurso que venho apontando. Mas é ainda o próprio Coseriu (1980, p. 109) que introduz mais um elemento para a reflexão sobre esta problemática. Com efeito, depois de ter explicitado em que consiste a

“técnica livre” do discurso, o autor retoma o “discurso repetido”, explicando que algumas das suas formas não dependem do nível histórico da língua, por não estarem em causa “unidades combináveis” da língua, mas sim textos completos ou fragmentos de texto. Por isso, em conclusão, o autor remete a análise dessas formas de “discurso repetido” para o âmbito da linguística do texto (ou da filologia)<sup>9</sup>.

(...) uma língua sintópica, sinstrática e sinfásica, pode ser chamada língua funcional. O adjetivo “funcional” encontra, neste caso, sua justificação no fato de que somente esta língua entra efetivamente nos **discursos (ou “textos”)**. Num só e mesmo discurso pode, é claro, ocorrer mais de uma língua funcional (por exemplo, num **discurso narrativo**, um modo de falar do narrador e outro modo dos seus personagens, ou diversos modos de falar que caracterizem esses mesmos personagens), mas a cada momento do discurso se apresenta sempre e necessariamente uma língua funcional determinada. (COSERIU, 1980, p. 113, destaque meu)

Pode assinalar-se ainda a referência a “discurso narrativo” numa passagem em que há, primeiro, ocorrência de discurso e texto, desaparecendo depois texto (COSERIU, 1980, p. 113). Neste caso, como noutros semelhantes, não se compreende se está em causa uma disjunção sinonímica (quando se refere “discursos (ou «textos»”) – ou, a não ser assim, qual o sentido a atribuir ao desaparecimento, neste caso, de texto. Trata-se de uma simplificação, apagando simplesmente um dos termos sinonímicos? Trata-se de privilegiar a atividade que é o discurso (e que convoca uma, ou mais do que uma, língua funcional), em detrimento do produto que seria o texto? Mas como entender a referência a “discurso narrativo”? É uma expressão que poderia também ser substituída por texto narrativo (no sentido em que frequentemente se fala de um romance, por exemplo, como um texto narrativo)?<sup>10</sup> Ou trata-se de um discurso que, por combinação de formas da língua, configura o narrar?<sup>11</sup>

<sup>9</sup> De facto, as formas que Coseriu aborda aqui, e que perspetiva em termos de linguística do texto, não podem hoje ser tratadas sem o recurso a noções como a de intertextualidade (Genette, 1982), largamente consensualizada, ou a de intertextualização (Miranda, 2010), certamente menos generalizada mas nem por isso menos útil. Poder-se-ia invocar, igualmente, a noção de interdiscurso mas, uma vez que está sobretudo associada ao campo da Análise de Discurso (de linha francesa), não parece aqui efetivamente relevante.

<sup>10</sup> A expressão “texto narrativo” exigiria igualmente uma longa reflexão que, obviamente, não tem aqui lugar. De forma resumida, poder-se-á referir que o romance é um género (da atividade literária) que recorre (frequentemente) a modos de organização narrativa. Estes podem ser entendidos de forma diferente: numa perspetiva cognitiva, como as sequências prototípicas e os tipos de texto (ADAM, 2011), ou em termos enunciativos, como é o caso dos tipos discursivos, no quadro do ISD.

<sup>11</sup> Na perspetiva do ISD, como atrás se viu, os discursos da ordem do narrar desdobram-se em função da relação com as instâncias atoriais, distinguindo-se assim o relato interativo (narrar implicado) e a narração (narrar autónomo). Todos se configuram pela presença e ausência de determinadas unidades linguísticas, por exemplo (no caso do português europeu): ocorrência de pretérito perfeito simples e pretérito imperfeito no relato

A última hipótese colocada reitera a possibilidade, já atrás sugerida, de se poder afinal considerar menos extremada a descoincidência entre a perspectiva de Coseriu e a perspectiva do ISD, no que diz respeito ao entendimento de discurso. Seja como for, pode apontar-se a ausência de uma conceptualização mais robusta de discurso, ou da relação entre discurso e texto, ou ainda da operacionalização recíproca das duas noções, no (complexo) modelo de funcionamento da linguagem proposto por Coseriu – lacuna que se evidencia sobretudo, é preciso reconhecê-lo, pelo confronto aqui estabelecido, uma vez que, no quadro do ISD, essa conceptualização é inequívoca.

É neste contexto que, a meu ver, importa (re)ver a noção de tradições discursivas, cuja origem se atribui geralmente a Coseriu.

## 5. Historicidade e tradição em Coseriu

A dimensão histórica é fundamental, no pensamento de Coseriu: se as línguas são, como se viu, técnicas historicamente determinadas, os textos participam também, necessariamente, daquela dimensão. Mas o autor distingue a historicidade das línguas e dos textos em função da forma como se constitui “comunidade”: ao contrário das línguas, os textos não estabelecem comunidade, são indício de uma comunidade pré-estabelecida (COSERIU, [1988]1992, p. 103-104).

Por outro lado, interessa sublinhar como, a propósito da historicidade dos textos, se constata que Coseriu recorre a expressões diferentes, como “tradições históricas” e “tradições textuais”:

También el plano individual tiene su historia, ya que los textos tienen sus **tradiciones históricas**. (COSERIU, [1988]1992, p. 103, destaque meu<sup>12</sup>). Finalmente, y esto es muy importante, los textos tienen también sus tradiciones particulares, independientes de las lenguas. Se puede hablar de **tradiciones textuales** en un doble sentido: (...). (COSERIU, 2007, p. 137-138, destaque meu<sup>13</sup>).

---

interativo e na narração, mas ausência de pretérito mais que perfeito composto na narração; presença de deíticos, incluindo adverbiais temporais de valor deítico, no relato interativo, por oposição à sua ausência na narração, em que ocorrem localizadores temporais autônomos.

<sup>12</sup> “Também o plano individual tem a sua história, já que os textos têm as suas **tradições históricas**.” (traduzido de COSERIU, [1988]1992, p. 103, destaque meu).

<sup>13</sup> “Finalmente, e isto é muito importante, os textos também têm as suas tradições particulares, independentes das línguas. Pode-se falar de **tradições textuais** um duplo sentido: [...]” (traduzido de COSERIU, 2007, p. 137-138, destaque meu).

Na continuidade da última passagem citada, o autor fala de “textos incorporados na tradição linguística” e “textos supraidiomáticos”, sendo os primeiros claramente identificados como “fórmulas fijas de interpelación, saludo y otras análogas” (COSERIU, 2007, p. 138). Mas, em última análise, a distinção perde impacto face à conclusão que interessa ao autor, ao deixar claro que, tanto num caso como noutro, o que está em causa é uma questão de configuração (propriamente) textual, que não depende das técnicas históricas que são as línguas:

En el caso de ciertos textos incorporados a la tradición lingüística misma, pero aun mucho más en el caso de los *textos supraidiomáticos*, lo que importa no es su existencia o no, sino, más allá de esto, las modalidades de su configuración. En el caso de los textos supraidiomáticos, entre los que se encuentran, por ejemplo, los géneros literarios, debería resultar evidente que **existe una configuración tradicional enteramente independiente de la tradición del hablar según una técnica transmitida históricamente (=independiente de las lenguas históricas)**. (COSERIU, 2007, p. 138-139, *itálicos no original, destaques meus*<sup>14</sup>).

Para melhor se perceber a que se refere Coseriu ao falar dessa **outra** “técnica transmitida historicamente” e “independente das línguas históricas”, será de toda a utilidade a passagem a seguir citada, retirada de uma versão de *Lingüística del texto* publicada na Argentina em 1983 (na sequência de uma conferência de 1981), que Loureda Lamas – editor de *Lingüística del texto. Introducción a la hermenêutica del sentido* (COSERIU, 2007) – cita em nota de rodapé. Nesta passagem evidencia-se um dos contributos determinantes de Coseriu, na perspetiva da linguística do texto, a saber, o facto de assumir o plano autónomo dos textos (autónomo precisamente na medida em que a organização dos textos não depende, de forma direta ou exclusiva, do plano da língua). E é nesse sentido que se vê reiterado o papel dominante da **tradição textual** (relativamente à “técnica idiomática”):

Existen, por cierto, textos transmitidos como tales por la tradición idiomática (refranes, proverbios, fórmulas de saludo, etc.), pero tampoco en estos casos puede decirse que la estructuración de los textos sea, en cuanto tal, un hecho de lengua. No hay razones de técnica idiomática, y, sí, sólo razones de **tradicón textual** para que se diga *buenas tardes, buenas noches* – y no *buenas tarde, buena noche* o *tarde(s) buena(s), noche(s) buena(s)* (...).

<sup>14</sup> “No caso de certos textos incorporados na própria tradição linguística, mas ainda mais no caso dos textos *supraidiomáticos*, o que importa não é que existam ou não, mas, para além disso, as modalidades da sua configuração. No caso dos textos supraidiomáticos, entre os quais se encontram, por exemplo, os géneros literários, deveria resultar evidente que **existe uma configuração tradicional inteiramente independente da tradição do falar segundo uma técnica transmitida historicamente (=independente das línguas históricas)**.” (traduzido de COSERIU, 2007, p. 139, *itálicos no original, destaques meus*).

(COSERIU, *apud* LOUREDA LAMAS, 2007, p.138, nota 115, *itálicos no original, destaque meu*<sup>15</sup>).

Johannes Kabatek, um dos grandes responsáveis pela divulgação e implantação da noção de tradições discursivas, não hesita em sublinhar que o próprio Coseriu nunca usou esta expressão (KABATEK, 2018, p. 13). Mas o breve percurso que acabamos de fazer é suficiente para mostrar que Coseriu recorre, pelo contrário, à noção de tradições textuais<sup>16</sup>. Não deixa de ser curioso observar ainda que Kabatek, constatando a necessidade de esclarecer o estatuto teórico associado a tradições discursivas, faça coexistir este termo com o que é usado por Coseriu (cf. KABATEK, 2005, p. 149).

Como explicar esta indefinição (ou, em última análise, esta inversão)? E que (des)vantagens lhe podem estar associadas? Para o compreender, importa olhar de perto a própria noção de tradições discursivas.

## 6. Tradições discursivas – donde vêm e para onde vão

O primeiro aspeto que se pode começar por evidenciar tem a ver com o facto de a noção de tradições discursivas ter surgido no âmbito da filologia românica alemã. No panorama atual, ela tende a ser associada ao campo da linguística histórica, e não ao da linguística do texto (em que Coseriu tanto se empenhou). É o caso de Kabatek, como se verá mais à frente; e é também o que claramente afirma Loureda Lamas:

Desde el punto de visto teórico, últimamente se ha conocido un redescubrimiento de Coseriu y en disciplinas donde las ideas de Coseriu no habían ejercido tanta influencia **se ha producido una revalorización, como en la lingüística histórica, con el desarrollo de las tradiciones discursivas.** (LOUREDA LAMAS, 2016, p. 38, *destaque meu*<sup>17</sup>).

<sup>15</sup> “Existem certamente textos transmitidos como tal pela tradição idiomática (refrões, provérbios, fórmulas de saudação, etc.) mas, mesmo nestes casos, não se pode dizer que a estruturação dos textos seja, enquanto tal, um facto de língua. Não há razões de técnica idiomática e sim, apenas razões de tradição textual para que se diga *buenas tardes, buenas noches* – e não *buena tarde, buena noche* o *tarde(s) buena(s), noche(s) buena(s)* [...]. (traduzido de COSERIU, *apud* LOUREDA LAMAS, 2007, p.138, nota 115, *itálicos no original, destaque meu*).

<sup>16</sup> Pode assinalar-se a ocorrência de “tradición del discurso repetido en el francés”, que Coseriu (1981, p.49) utiliza a propósito da tese de doutoramento de um discípulo, Harald Thun.

<sup>17</sup> “Do ponto de vista teórico, conheceu-se ultimamente uma redescoberta de Coseriu e houve uma revalorização em disciplinas em que as ideias de Coseriu não tinham exercido tanta influência, como na linguística histórica, com o desenvolvimento das tradições discursivas.” (traduzido de LOUREDA LAMAS, 2016, p. 38). Note-se que se trata de uma entrevista a Loureda Lamas, que data efetivamente de 2012, embora a publicação seja de 2016. Já anteriormente o mesmo autor sublinhara esta questão, num artigo em coautoria, sobre a receção da linguística do texto em Espanha (cf. VELARDE & LOUREDA LAMAS, 2009, p. 9).

Como se desenvolve, então, a noção que decorre de Coseriu mas que o autor não propôs de forma explícita?<sup>18</sup> Kabatek (2018) desenha o percurso da noção na introdução de um volume recente: refere a primeira aparição do termo na tese de Peter Koch, datada de 1987 e ainda inédita; introduz a proposta do autor, na perspectiva da distinção entre a historicidade linguística e uma historicidade própria dos textos; mostra como esta questão é colocada em função dos três níveis (universal, histórico e individual) postulados por Coseriu; e, etapa fundamental para a questão que nos ocupa, destaca o ponto de divergência de Koch relativamente a Coseriu: a negação de “um saber textual no nível individual e atual” (KABATEK, 2018, p. 14). A partir daqui, é o ano de 1997 que Kabatek assinala, como marco de referência para a noção de tradições discursivas, com a publicação de dois artigos, um de Peter Koch e o outro de Wulf Oesterreicher. O carácter “programático” destes textos é sublinhado por Kabatek, que não deixa de referir alguma divergência entre os seus autores: com a noção de tradições discursivas Oesterreicher privilegiaria a noção de géneros (entendidos como “moldes tradicionais” dos textos”), enquanto Koch assumiria uma perspectiva mais ampla, a incluir “formas de falar” sem relação com os géneros (Kabatek, 2018, p. 20). Mas é a filiação coseriana dos dois autores que se impõe como determinante, permitindo a Kabatek declarar o estatuto (pós)coseriano da noção de tradições discursivas (KABATEK, 2018, p. 20). Em qualquer caso, é na continuidade daqueles dois artigos, e da sua filiação coseriana, que o autor assume um entendimento próprio da noção de tradições discursivas: “La base coseriana de los términos de Peter Koch y Wulf Oesterreicher fue la que me sirvió como punto de partida para una concepción propia de las TD dentro de la teoría del lenguaje (...)”. (KABATEK, 2018, p. 20<sup>19</sup>). Em que consiste então, exatamente, o ponto de vista original deste autor, sobre a matéria em análise? O aspeto que se destaca (ou que o próprio autor destaca) passa por um distanciamento da proposta de Koch, que duplicava o nível histórico (considerando a historicidade das línguas, por um lado, e a historicidade dos textos, por outro): “Como se trata aquí de un saber clara y absolutamente marcado por la historia, el saber expresivo pertenece al mismo nivel que el saber idiomático. (Koch 1987, p.

---

<sup>18</sup> Como já referido, um dos pontos de apoio parece ser o facto de Coseriu se referir à “tradição do discurso repetido” (cf. COSERIU, 1981, p. 49). No entanto, nesta passagem, o autor considera a referida tradição no âmbito do saber idiomático.

<sup>19</sup> “Foi a base coseriana dos termos de Peter Koch e Wulf Oesterreicher que me serviu como ponto de partida para uma conceção própria das TD dentro da teoria da linguagem.” (traduzido de KABATEK, 2018, p. 20).

31, *apud* KABATEK, 2018, p. 14, nota 2<sup>20</sup>). Distinguindo dois tipos de historicidade mas mantendo as tradições discursivas no nível individual da linguagem (que assim se assume, simultaneamente, como histórico), Kabatek demarca o seu próprio espaço, reivindicando para o ponto de vista que defende o estatuto de “ortodoxia coseriana”:

[...] se confirma la concepción coserianamente “ortodoxa” que defendemos en diversos lugares en los textos de este libro cuando distinguimos dos tipos de historicidad y cuando localizamos las tradiciones discursivas en el nivel individual de la historicidad de los textos (KABATEK, 2018, p.18<sup>21</sup>).

Nos meandros da história da noção, escapou até agora algo que seja propriamente da ordem da definição. Podemos começar por reter a formulação de Koch (a partir da tradução de Kabatek): “[Las reglas discursivas] Hacen referencia a Tradiciones Discursivas: estilos, géneros, tipos de texto, universos discursivos, actos de habla etc., las cuales, a su vez, agrupan respectivamente clases de discursos. (Koch 1987, p. 31, *apud* KABATEK, 2018, p. 14<sup>22</sup>). Mas, recuando um pouco, encontramos também em Kabatek a explicitação da noção, imediatamente seguida de uma definição. Apesar de longa, parece-me essencial reter esta passagem:

Entendemos por TD toda la gama posible de elementos tradicionales que encontramos en un texto, no solo su “género” en sentido amplio, sino también la tradición por debajo del género (de subgéneros, de fórmulas etc.), las tradiciones de decir diferenciabiles del mismo género (p. ej. de usos atribuibles a grupos particulares), incluidas las tradiciones del no-decir y de la posible funcionalidad del silencio. Definimos, pues, las TD de la siguiente manera: (18) Una tradición discursiva (TD) se puede formar a base de cualquier elemento significable, tanto formal como de contenido, cuya reevocación establece un lazo de unión entre actualización y tradición textuales; cualquier relación que se pueda establecer semióticamente entre dos enunciados, sea en cuanto al acto de enunciación mismo, sea en cuanto a los elementos referenciales, a ciertas características de la forma textual o a los elementos lingüísticos empleados. (KABATEK, 2007, p. 338<sup>23</sup>).

<sup>20</sup> “Como se trata aqui de um saber claro e absolutamente marcado pela história, o saber expressivo pertence ao mesmo nível do saber idiomático.” (traduzido de Koch 1987, p. 31, *apud* KABATEK, 2018, p. 14, nota 2).

<sup>21</sup> “[...] confirma-se a conceção coserianamente «ortodoxa» que defendemos em diversos lugares, [...], quando distinguimos dois tipos de historicidade e quando localizamos as tradições discursivas no nível individual da historicidade dos textos.” (traduzido de KABATEK, 2018, p.18).

<sup>22</sup> “[As regras discursivas] Fazem referência a Tradições Discursivas: estilos, géneros, tipos de texto, universos discursivos, atos de fala, etc., as quais, por sua vez, agrupam respetivamente classes de discursos.” (traduzido de Koch 1987, p. 31, *apud* KABATEK, 2018, p. 14).

<sup>23</sup> “Entendemos por TD toda a gama possível de elementos tradicionais que encontramos num texto, não apenas o seu «género» em sentido amplo, mas também a tradição por baixo do género (subgéneros, fórmulas, etc.), as tradições de dizer diferenciáveis no mesmo género (por ex., usos atribuíveis a grupos particulares), incluindo as tradições do não-dizer e da possível funcionalidade do silêncio. Definimos, pois, as TD da seguinte forma : (18) Uma tradição discursiva (TD) pode formar-se à base de qualquer elemento com significado, tanto formal como de conteúdo, cuja reevocação estabelece um laço de união entre atualização e tradição textuais ;

O ponto de vista que vou defender poderá ser enviesado, uma vez que decorre, sobretudo, da leitura de Kabatek – deixando de lado outros nomes eventualmente significativos e não abarcando a produção em alemão, obviamente relevante nesta matéria. Salvaguardada esta questão, posso dizer que as reservas que, do meu ponto de vista, se podem contrapor à forma como Kabatek apresenta a noção são de três ordens diferentes – sem que nenhuma ponha em causa a historicidade dos textos. A primeira pode considerar-se metodológica: a noção de tradições discursivas, tal como acabámos de a (re)ver, formulada por Kabatek, engloba – de forma que parece desorganizada ou aleatória – tudo o que seja suscetível de ser visto sob o ângulo da historicidade. A forma como são referidos os elementos apontados pelos diferentes autores parece destituída de critério e privada de uma visão de conjunto – distanciando-se assim de uma descrição operacional, num quadro “homogéneo e unitário”, que Coseriu (1981, p. 37) considerava tarefa da linguística integral. Em última análise, a crítica aqui avançada tem a ver com o carácter hiperonímico que Kabatek (2007, p. 339) explicitamente atribui à noção de tradições discursivas (impondo-se alguma falta de clareza e de organização à amplitude “sem limitação arbitrária” que o autor subscreve):

La amplitud de esta definición se debe a que procuramos abarcar todos los posibles elementos de tradición, sin limitación arbitraria. Esto quiere decir que cualquier clasificación de elementos tradicionales / (como la tipología textual, la clasificación de los géneros etc.) cabe por debajo del denominador común de Tradiciones discursivas, hiperónimo de todas las demás. (KABATEK, 2007, pp. 338-339<sup>24</sup>)

A segunda tem a ver com a insuficiente distinção, teórica e epistemológica, entre as diferentes noções convocadas. Deste ponto de vista, um aspeto fundamental e recorrente, que se relaciona diretamente com o exposto nas secções anteriores, é o da indiferenciação entre discurso e texto – de que decorre a indiferenciação entre tradições discursivas e tradições textuais. De facto, nenhuma razão de fundo parece ter sido apontada para a

---

qualquer relação que se possa estabelecer semioticamente entre dois enunciados, quer propriamente como ato de enunciação, quer quanto aos elementos referenciais, a certas características da forma textual ou aos elementos linguísticos utilizados.” (traduzido de KABATEK, 2007, p. 338).

<sup>24</sup> “A amplitude desta definição deve-se a que procuramos abarcar todos os elementos possíveis de tradição, sem limitação arbitrária. Isto quer dizer que qualquer classificação de elementos tradicionais (como a tipologia textual, a classificação dos géneros, etc.) cabe debaixo do denominador comum de Tradições discursivas, hiperónimo de todas as outras.” (traduzido de KABATEK, 2007, pp. 338-339).



escolha de “tradições discursivas”, que aparece como fruto de uma simples preferência: “Para dar cuenta de la tradición de los textos en un sentido amplio, preferimos, en vez de hablar de tipos, de géneros, de formas, estilos etc, textuales, hablar de Tradiciones discursivas. (KABATEK, 2007, p. 338<sup>25</sup>).

Poder-se-ia até admitir que as duas críticas apontadas (indefinição metodológica e insuficiente distinção, teórica e epistemológica, entre noções convocadas) fosse exagerada – predominantemente ditada pelo facto de, no quadro do ISD, não haver confusão entre discurso e texto (de acordo com razões já atrás expostas, que serão ainda à frente complementadas). Mas a conclusão a que Kabatek chega enfatiza e reitera uma noção generalista, de contornos pouco precisos e, o que é ainda mais grave, definitivamente esvaziada de qualquer espessura teórica e epistemológica (enquanto noção declarada *framework-free*):

Lo que he querido demostrar a lo largo de estos años ha sido que la cuestión de la tradicionalidad de los textos es un aspecto con amplia relevancia: en estudios históricos como en estudios de la lengua actual. La lingüística no se acaba con las TD, pero para hacer lingüística es necesario saber que el hablar se puede basar en la repetición de los textos o de las formas textuales y que esto tiene numerosas consecuencias. Así, la noción de las TD es, antes de entrar en debates de teorías y escuelas, *framework-free*: se refiere a un fenómeno esencial del lenguaje humano que no se puede negar ni desde un punto de vista generativo, ni cognitivo, ni de ningún ángulo teórico (KABATEK, 2018, p. 24<sup>26</sup>)

Como já atrás foi referido, a crítica aqui apresentada decorre de uma leitura de Kabatek – e corre o risco, por isso, de ser injusta ou exagerada, relativamente ao que possa ou deva hoje entender-se, exatamente, por “tradições discursivas”. Mas o fio condutor do presente trabalho – que passa por encontrar ou explicitar convergências e divergências – permitir-me-á sublinhar as razões da divergência. De facto, a diversidade de leituras, atualizações e reutilizações de um mesmo autor – tanto mais quando se trata de um autor

---

<sup>25</sup> “Para dar conta da tradição dos textos num sentido amplo preferimos, em vez de falar de tipos, de géneros, de formas, estilos, etc. textuais, falar de Tradições discursivas.” (traduzido de KABATEK, 2007, p. 338).

<sup>26</sup> O que quis demonstrar ao longo destes anos foi que a questão da tradicionalidade dos textos é um aspeto com ampla relevância: nos estudos históricos como nos estudos da língua atual. A linguística não se acaba com as TD, mas, para fazer linguística, é necessário saber que o falar pode basear-se na repetição dos textos ou das formas textuais e que isso tem numerosas consequências. Assim, a noção das TD é, antes de entrar em debates de teorias e escolas, *framework-free*: refere-se a um fenómeno essencial da linguagem humana que não se pode negar, do ponto de vista generativo, nem cognitivo, nem de qualquer ângulo teórico.” (traduzido de KABATEK, 2018, p. 24, *italico no original*).

tão profícuo como Coseriu – dispensa qualquer necessidade de justificação. Mas cada escolha obriga a outras escolhas e determina um percurso. É nesse sentido que a noção de tradições discursivas, tal como defendida por Kabatek, me parece insuficiente e mesmo discutível. Apresentando a noção como desligada de qualquer quadro teórico e epistemológico, o autor priva-a de um trabalho mais fino de caracterização, suscetível de a delimitar, num quadro determinado, e de a esclarecer, em termos diferenciais, relativamente a outras que lhe possam ser próximas, no mesmo quadro e em quadros mais ou menos próximos. Em última análise, em matéria teórica e epistemológica (como em política) não existe neutralidade: pretendê-la é subscrever um determinado ponto de vista, de forma não declarada. Sabendo que é de 2018 a afirmação de Kabatek sobre o carácter *framework-free* da noção de tradições discursivas, note-se como este mesmo autor assume, em 2005, uma noção de texto que não corresponde nem ao ponto de vista de Coseriu nem à perspetiva adotada no ISD: enquanto para o primeiro o texto permanece sempre intralinguístico, Coseriu afirma o carácter linguístico e extralinguístico do (sentido do) texto e Bronckart perspetiva-o em termos accionais e comunicacionais (isto é, não estritamente linguísticos). Veja-se o confronto, através das palavras dos próprios autores:

Un texte, même s'il comprend plusieurs langues, reste toujours intra-linguistique, il ne peut pas être plus ou moins intra-linguistique. (KABATEK, 2005, p. 154) <sup>27</sup>	[...] el sentido se expresa en los textos no sólo lingüísticamente, sino también extralingüísticamente -y ello en una medida considerable-, [...]. (COSERIU, 2007, p. 304) <sup>28</sup>	Nous avons qualifié comme texte toute unité de production verbal située, finie et auto-suffisante (du point de vue actionnel ou communicationnel).” (BRONCKART, 1997, p. 78) <sup>29</sup>
--	--	--

A última reserva prende-se diretamente com o próprio pensamento de Coseriu, na medida em que a noção de tradições discursivas parece diluir um dos aspetos centrais, pelo menos para quem se situa na perspetiva da linguística do texto (e não da linguística histórica): a necessidade de dar conta da forma como os textos se constituem como tais (isto é, como objetos num nível específico, autónomo).

<sup>27</sup> “Um texto, mesmo que compreenda várias línguas, permanece sempre intralinguístico, não pode ser mais ou menos intralinguístico.” (Traduzido de KABATEK, 2005, p. 154).

<sup>28</sup> “[...] o sentido expressa-se nos textos não apenas linguisticamente, mas também extralinguisticamente – e isso numa considerável medida –, [...]” (traduzido de COSERIU, 2007, p. 304).

<sup>29</sup> “Qualificámos como texto qualquer unidade de produção verbal situada, acabada e autossuficiente (do ponto de vista de ação ou comunicacional).” (Traduzido de BRONCKART 1997, p. 78).

Como já foi referido, parece-me fundamental sublinhar que não está em causa a legitimidade dos estudos históricos em que as tradições discursivas aparecem reiteradamente situadas – e reconhecer o contributo inequívoco que daí pode resultar, para a descrição da(s) língua(s), ou especificamente da sintaxe das línguas, como propõe Kabatek:

Una de las áreas más indicadas para la consideración coherente de la cuestión de las TD es sin duda la sintaxis. Partiendo de la convicción de que los estudios históricos son la piedra de toque de los estudios lingüísticos en general, nos pareció oportuno proponer la inclusión sistemática de la noción de TD en la sintaxis histórica. (KABATEK, 2016, p. 10<sup>30</sup>)

Mas essa legitimidade não pode escamotear o facto de a noção não aparecer associada à linguística do texto, área disciplinar para a qual Coseriu tanto contribuiu (nem a uma teoria do texto, nem a qualquer linguística dos textos e dos discursos). De facto, o que está em causa é uma perspetiva de história da língua:

Es esta la hipótesis fuerte de la teoría de las Tradiciones Discursivas: que la historia de una lengua no presenta solo variación a nivel de dialectos, sociolectos o estilos sino que la lengua varía también de acuerdo con las tradiciones de los textos, [...]. (KABATEK, 2016, p. 8<sup>31</sup>)

Não quero deixar de sublinhar, uma vez mais, a hipótese de estarem aqui em falta, por desconhecimento ou inacessibilidade, trabalhos no quadro das tradições discursivas que assumam outras orientações. É exclusivamente no âmbito daquilo a que tive acesso e que expus que me permito dizer que a noção de tradições discursivas tende a desequilibrar o projeto de linguística integral de Coseriu, esvaziando uma das zonas inequivocamente inovadoras do seu pensamento – a que perspetivou a verdadeira e própria linguística do texto.

## 7. O social – a grande ausência ou a grande convergência

<sup>30</sup> “Uma das áreas mais indicadas para considerar de forma coerente a questão das TD é sem dúvida a sintaxe. Partindo da convicção de que os estudos históricos são a pedra de toque dos estudos linguísticos em geral, pareceu-nos oportuno propor a inclusão sistemática da noção de TD na sintaxe histórica.” (traduzido de KABATEK, 2016, p. 10).

<sup>31</sup> “É esta a hipótese forte da teoria das Tradições Discursivas: que a história de uma língua não apresenta apenas variação a nível de dialetos, socioletos ou estilos, mas que a língua varia também de acordo com as tradições dos textos, [...]” (traduzido de KABATEK, 2016, p. 8).

Como já atrás foi dito, em nenhum momento deste percurso se põe em causa a historicidade dos textos ou, de forma mais global, a importância da historicidade na linguística (integral) preconizada por Coseriu. À primeira vista, poder-se-á admitir que resida aqui um ponto de divergência relativamente ao ISD – em cujo quadro a historicidade parece não ocupar a mesma centralidade. O tratamento aprofundado desta questão exigiria um espaço de que este trabalho já não dispõe. Mas há um aspeto fundamental que não pode deixar de ser lembrado: o ISD partilha uma conceção marxista da história; por isso, a história é sempre, necessariamente, história social, e é nela que se inscrevem os textos, ou géneros de texto – de acordo com a forma como Volochinov (1981, p. 289-290) estabiliza a noção moderna de géneros de texto, enquanto “tipos de comunicação social”. Se daqui decorre a opção metodológica por uma abordagem descendente, no que diz respeito ao estudo da língua (como já atrás referido), importa sublinhar ainda a forma como Volochinov estabelece a ligação entre a interação verbal e a situação extra-verbal, afirmando que a primeira não pode ser compreendida nem explicada à margem da situação concreta (VOLOCHINOV, [1929]2010, p.321).

A grande divergência estará, a meu ver, aqui: a noção de tradições discursivas, como “laço de união entre atualização e tradição textuais” (KABATEK, 2007, p. 338), parece diluir a situação concreta do texto – ou, para o dizer com termos propriamente coserianos, ignora os entornos do texto (COSERIU, 198b). Como em vários outros momentos deste texto, admito que possa haver outras contribuições que desenvolvam este aspeto. Mas o percurso aqui realizado, que evidenciou a inclusão da noção de géneros, a par de outras, na noção hiperonímica de tradições discursivas, não contribui para esclarecer a questão. Com efeito, no quadro do ISD, os géneros são, por definição, maleáveis e mutantes: usando uma expressão amplamente reiterada por quem trabalha neste quadro, um texto **adota e adapta** o género de que depende (de forma variável, em função de diferentes fatores, incluindo a maior ou menor permissividade à mudança que é autorizada pela própria atividade em que o texto se inscreve). Algumas adaptações mantêm-se como uma questão de estilo (isto é, de singularidade face às regularidades do género); mas outros casos, vistos com o necessário distanciamento, evidenciarão a mudança (de um género que se transforma e/ou desaparece a outro que se estabiliza)<sup>32</sup>. Mas, na perspetiva de análise descendente que a epistemologia

---

<sup>32</sup> Sobre esta questão, veja-se GONÇALVES, 2012.

socio-histórica determina, essa mudança não é nunca, apenas, uma questão de linguagem (ou de texto, ou de formas de fazer texto): um género de texto muda na medida em que muda(m) o(s) seu(s) entorno(s). Neste sentido, poder-se-á perguntar até que ponto é válido falar de um mesmo género, isto é, um género referido pela mesma etiqueta, em diferentes momentos da (cronologia da) história, sem ter em conta as condicionantes da história social.

Admitindo que a problemática do social não esteja ausente da perspetiva das tradições discursivas, ela não é, no entanto, claramente explicitada – pelo menos, por Kabatek (o que não pode ser alheio ao desenquadramento teórico e epistemológico que assume). Mas não se pode dizer que tenha sido uma questão alheia a Coseriu – ainda que o social, ou as atividades coletivas/sociais, pareçam ser apenas referidas como “comunidades”. Mas, por outro lado, é evidente a forma como Coseriu converge com os princípios interacionistas sociais, situando de forma inequívoca a historicidade humana na sua condição social e dialógica:

Por outro lado, a linguagem tem historicidade, e é o próprio fundamento da historicidade do homem, porque é diálogo, falar com outro [...] Neste sentido, a linguagem é, ao mesmo tempo, o primeiro fundamento e o primeiro modo de manifestação da intersubjetividade, do ser com outro, que coincide com o ser histórico do homem. (COSERIU, 1979, p. 64-65).

No âmbito desta convergência epistemológica, a herança de Coseriu pode continuar a desafiar quem se situa no quadro do ISD, no sentido de compreender e justificar a autonomia do nível textual, a saber, o facto de haver “una clase de contenido que es propriamente contenido de textos, o contenido dado a través de los textos” (Coseriu, 2007, p. 156). Avançar nesse sentido corresponderá ao desenvolvimento da tarefa de uma (verdadeira e própria) linguística do texto (COSERIU, 2007, p. 299). E à semelhança da noção de tradições discursivas que, no âmbito dos estudos históricos, pode proporcionar uma outra compreensão da (história da) língua, também a (verdadeira e própria) linguística do texto poderá suscitar um olhar renovado sobre as línguas – nomeadamente, para poder confrontar o funcionamento do signo, no plano das línguas, e do “signo textual” (Coseriu, 2007, p. 153), ou macrossigno, no plano dos textos.

## Referências bibliográficas

ADAM, Jean-Michel. **Les textes: types et prototypes**. 1ª ed. 1992. Paris: Armand Colin, 2011.  
Eutomia, Recife, 29(1): 141-164, Out. 2021

BOTA, Cristian, Introduzione. Un modello complesso di funzionamwnto del linguaggio. In: **Il Linguaggio e l'uomo attuale. Saggi di filosofia del linguaggio**. Verona: Ed. Centro Studi Campostrin, 2007, p. 17-44.

BOTA, Cristian. **Pensée verbale et raisonnement**. Bern, Switzerland: Peter Lang, 2018.

BRONCKART, Jean-Paul. **Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif**. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. Genres de textes, types de discours et « degrés » de langue. Hommage à François Rastier. **Texto!** vol. XIII, 1. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf, 2008](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf, 2008).

BRONCKART, Jean-Paul. Du coût du Cours III... et du CLG. A propos de la langue, de la parole et du discours. In: GAMBARARA, D.; REBOUL, F. (Org.). **Travaux des colloques Le Cours de Linguistique Générale, 1916-2016. L'émergence, le devenir**. Genève: Cercle Ferdinand de Saussure, 2017, p. 3–20.

BRONCKART, Jean-Paul. **Théories du langage. Nouvelle théorie critique**. Bruxelles: Editions Mardaga, 2019.

BRONCKART, J.-P.; BULEA, E.; BOTA, C. (Org.). **Le projet de Ferdinand de Saussure**. Genève-Paris: Librairie Droz, 2010.

CASADO VELARDE, Manuel; LOUREDA LAMAS, Óscar. Las aportaciones de la Textlinguistik y su recepción en España: balance y perspectivas. In: VEYRAT RIGAT, M.; SERRA ALEGRE, E. (Org.). **La lingüística como reto epistemológico y como acción social. Vols. I y II**. Madrid: Arco Libros, 2009, p. 275–293.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

COSERIU, Eugenio. **Lições de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSERIU, Eugenio. Fundamentos y tareas de la linguística integral. In: **Actas del Segundo Congreso Nacional de Lingüística**. San Juan (Argentina): Universidad Nacional de San Juan, 1984. p. 37–53.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**. (2ª edição). Rio de Janeiro: Presença, 1987a.

COSERIU, Eugenio. **O homem e sua linguagem** (2a edição). Rio de Janeiro: Presença, 1987b.

COSERIU, Eugenio. **Competencia linguística. Elementos de la teoria del hablar**. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

COSERIU, Eugenio. Dix thèses à propos de l'essence du langage et du signifié. **Texto!** [em Eutomia, Recife, 29(1): 141-164, Out. 2021]

linha], 2001, vol. VI, nº2. URL: [http://www.revue-texto.net/Inedits/Coseriu\\_Theses.html](http://www.revue-texto.net/Inedits/Coseriu_Theses.html)

COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto. Introducción a la hermenêutica del sentido.** Madrid: Arco/Libros, S.L., 2007.

COSERIU, Eugenio. **Il Linguaggio e l'uomo attuale. Saggi di filosofia del linguaggio.** Verona: Ed. Centro Studi Campostrin, 2007b.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes.** Paris: Seuil, 1982.

GONÇALVES, Matilde. Espécie de texto: contributo para a caracterização do sítio web. **Hipertextus** 7, 2012, 1-12.

KABATEK, Joahannes. A propos de l'historicité des textes. In: MURGUÍA, A. (Org.). **Sens et références. Mélanges Georges Kleiber.** Tübinga: [s.n.], 2005, p. 149–157.

KABATEK, Joahannes. Las tradiciones discursivas entre conservación e innovación. **Rivista di filologia e letteratura ispaniche**, 2007. v. 10, p. 331–345.

KABATEK, J. Introducción. In: KABATEK, J. (Org.). **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico. Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas.** Madrid/Frankfurt: Iberoamericana Vervuert, 2016, p. 7–16.

KABATEK, Joahannes. Nota del autor. In: BLEORTU, C.; GERARDS, D. P. (Org.). **Lingüística Coseriana, Lingüística Histórica, Tradiciones Discursivas.** Madrid/Frankfurt: Iberoamericana Vervuert, 2018, p. 13–25.

LOUREDA LAMAS, Óscar. La lingüística del texto coseriana (Entrevistado por Adriana Maria ROBU). **Anadiss**, 2016. n. 21, p. 37–44.

LOUREDA LAMAS, Óscar. La textlinguistik de Eugenio Coseriu. In COSERIU, E. **Linguística del texto. Introducción a la hermenêutica del sentido.** Madrid: Arco/Libros, 2007, p. 19-74.

MIRANDA, Florencia. **Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização.** Lisboa: FCG-FCT, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** Lisboa: Relógio d'Água Editores, [1934]2007.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. Le discours dans la vie et dans la poésie. In: TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine, le principe dialogique.** Paris: Seuil, [1926]1981, p. 181–215.

VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxisme et philosophie du langage. Les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage** (Tradução do russo de P. Sériot, P.; Ageeva-Tylkowski. I.). Limoges: Lambert-Lucas, [1929]2010.

---

<sup>i</sup> Professora Associada com Agregação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (NOVA FCSH); investigadora no Centro de Linguística da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL).  
E-mail [acoutinho@fcsb.unl.pt](mailto:acoutinho@fcsb.unl.pt)

***Recebido em 01/11/2021***  
***Avaliado em 16/11/2021***